

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**CULTURA E EDUCAÇÃO DA NOBREZA FEMININA EM HOMERO E
VIRGÍLIO**

NILCIANA MACHADO DE SOUZA

Parintins-AM

2023

NILCIANA MACHADO DE SOUZA

**CULTURA E EDUCAÇÃO DA NOBREZA FEMININA EM HOMERO E
VIRGÍLIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no âmbito da disciplina de
Pesquisa e Produção Acadêmica em
Letras III como requisito do curso de
Licenciatura em Letras da Universidade
do Estado do Amazonas-UEA.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (UEA)
(Orientador)

Profa. Me. Dilce Pio Nascimento (UEA)
(membro interno)

Prof. Me. Wesley Dias Cerdeira (UEA)
(membro externo)

Parintins-AM

2023

DEDICATÓRIA

“Dedico esse trabalho ao meu pai Igino da Silva de Souza e à memória de minha mãe Telma Pereira Machado que tanto me incentivaram para eu nunca desistir dos meus objetivos e me deram todo o apoio nessa caminhada.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Criador por me dar força e saúde todos os dias;

Aos meus pais Igino e Telma, pelo apoio e carinho de sempre;

Ao Marcelo meu esposo, pela compreensão e me apoiar sempre;

Ao meu filho Jaime Augusto, por me encher de alegria todos os dias;

Aos meus irmãos que tanto me incentivavam nos meus estudos;

À Juliana Melo pela amizade e cumplicidade;

Aos Professores da Banca Examinadora pela disponibilidade em contribuir com meu trabalho;

Ao professor e Dr. Weberson Grizoste, por ser firme e paciente durante a orientação e pelo seu exemplo e comprometimento acadêmico e humano;

À todos os meus professores do colegiado de Letras e de Pedagogia por contribuírem imensamente na minha jornada acadêmica e me proporcionarem conhecimentos para além da minha esfera profissional;

Aos colegas de curso, em especial, Geane, Katrine e Camille pelo carinho e amizade.

Por tudo isso meus sinceros agradecimentos a todos!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CULTURA E EDUCAÇÃO NA NOBREZA HOMÉRICA E VIRGILIANA	7
MULHERES DE HOMERO	12
PENÉLOPE: A RAINHA FIEL.....	12
ARETE: A RAINHA DAS VIRTUDES.....	13
NAUSICAA: A PRINCESA DOS FEACES.....	15
EURICLEIA: A AMA DE ULISSES.....	16
AS MULHERES DE VIRGÍLIO.....	17
DIDO: A RAINHA DE CARTAGO	18
CAMILA: A RAINHA DAS AMAZONAS.....	19
LAVÍNIA: UMA MULHER VIRTUOSA	20
AMATA: A DESVAIRADA	21
CONSIDERAÇÕES	
FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

RESUMO: O presente artigo de conclusão de curso traz a cultura e educação da nobreza feminina em Homero e Virgílio evidenciando a influências de Homero (*Odisséia*) na obra de Virgílio (*Eneida*), mostrando assim as divergências e semelhanças entre selecionadas personagens femininas de ambas as epopeias. Há muitas diferenças entre as mulheres homéricas e virgilianas. As mulheres de Homero de fato pertencem a nobreza grega; as mulheres de Virgílio são estrangeiras, o caso de Dido, e indígenas o caso de, Camila, Dido e Amata. No entanto todas elas seguem um modo de vida exemplar. Além disso podemos perceber que os poetas convergem e divergem em suas concepções de cultura e educação, mesmo Homero sendo o principal arquétipo, Virgílio ultrapassa a fronteira e inspira-se em valores que são próprios das mulheres romanas.

Palavras chaves: Literatura Latina. Educação. Cultura. Areté. Mulheres.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que Homero foi um grande influenciador de Virgílio e que tem muitas características na obra de Virgílio que foram, necessariamente, tiradas de sua obra; por exemplo, os seis primeiros livros de *Eneida* se assemelham com a *Odisseia* e os seis últimos com a *Ilíada*. Mas em que sentido? Porque na *Odisseia* tem um herói perambulando pelo mar tentando voltar para casa, e isto é o que encontramos nos seis primeiros cantos da *Eneida*: Enéias juntos com outros troianos viajando no mar a procura de uma nova pátria; já os seis últimos livros, que se parecem com a *Ilíada*, deve-se ao fato que este é um poema da guerra: os últimos livros da *Eneida* versam sobre os troianos que chegaram na Itália, estabelecendo alianças, provocando guerras locais, entre as quais, a última será um duelo entre Eneias e Turno. Diante disso, Pereira (1992, p.77) sinaliza que “A *Eneida* é meio Odisseica, meio Iliádica”. Essas são obras que abarcam a formação de um povo, tempos de guerra, mas que também abordam questões familiares e costumes greco-romanos.

Nestas epopeias que aqui serão estudadas, o homem ocupa a centralidade das narrativas; porém o foco em nossa pesquisa é a mulher. Para isto, primeiramente estudaremos a cultura e educação homérica e virgiliana e o conceito de paideia e *uirtus*, e em seguida analisaremos algumas personagens femininas em ambos os poetas.

De acordo com Jaeger (2013, p. 32) “a ética fundamenta-se, tanto para Aristóteles como para Homero, na dignidade da areté, a honra é o troféu da areté; é o tributo pago a destreza e magnanimidade são o que há de mais difícil para o homem”. Como podemos observar a ética e moral é algo interessante de se estudar e que estão em destaque no processo da cultura e educação, tanto em Virgílio quanto em Homero, conforme os

escritos do livro *Paideia* de Werner Jaeger e *Estudos de História da Cultura Clássica* de Maria Helena da Rocha Pereira.

Este artigo de conclusão de curso trata-se de uma pesquisa bibliográfica na qual foram utilizados como suporte teóricos os seguintes autores: Jaeger (2013), o principal pilar desta pesquisa aborda a cultura, educação nobreza e virtudes; Maria Helena da Rocha Pereira (1990) por sua vez aborda a cultura romana, educação e virtude, na qual exploraremos em Virgílio; Grizoste (2014) fala sobre a influência de Homero na obra de Virgílio; Viegas(2017) aborda as mulheres homéricas; Efraim (2012) traz contribuições sobre a rainha Penélope; Auerbach (2001) centra-se em Ulisses e Euricleia como protagonistas; Sahad (2011) traz uma importante reflexão sobre as mulheres do Virgílio; Pinheiro (2010) traz conhecimentos da rainha Dido; Virgínia Pereira(1992) aborda sobre Enéias e Dido; Carvalho (2009) enfatiza as mulheres virgilianas; Adriano (2021) colabora com algumas personagens de Virgílio; e não esquecendo, obviamente, das duas obras clássicas aqui analisadas *Odisseia* e *Eneida*, a primeira traduzida por Carlos Alberto Nunes e a segunda por David Jardim Junior.

1. CULTURA E EDUCAÇÃO NA NOBREZA HOMÉRICA E VIRGILIANA

Sabe-se que *Eneida* e *Odisséia* são dois clássicos que influenciou muitos autores no mundo todo e que Homero serviu de modelo para Virgílio em sua escrita da epopeia.

Para Grizoste 2014, O Autor da *Eneida* teve o maior efeito entre todos os poetas latinos, tendo em vista que dos romanos nos chegaram mais escritos do que dos gregos, principalmente pela proximidade do tempo, além do fato que o impacto da *Eneida* sobre os poetas subsequentes foi imediato e tão persuasivo que uma quantidade de livros a partir de sua obra já foram escritos. Todavia, é impossível falar de Virgílio sem citar o célebre poeta helênico autor de *Odisséia*. Ainda segundo o mesmo autor Virgílio foi “inspirado pelos antigos e serviu de inspiração para a posteridade – é assim que definiríamos a obra de Virgílio; influenciou pela sua originalidade no que toca a inovação na exploração dos aspectos humanos das personagens.” (GRIZOSTE,2014,p.42).

Homero e Virgílio foram dois grandes poetas da antiguidade que deixaram um enorme legado para os estudiosos na área de Língua Latina atualmente, pois, seus escritos serviam de exemplo não somente na área da educação como também na cultura adotada a partir dos poemas desses ilustres poetas clássicos Homero autor de *Odisséia* e Virgílio de *Eneida* obras essas que ficaram conhecidas mundialmente e ajudou muito na formação do povo greco-romano e até nos dias atuais encanta muitos estudiosos na área.

Conforme aponta Jaeger (2013) a importância da educação em Homero é um campo muito vasto, sendo que não se limita a ter inspiração em adquirir um determinado efeito moral e nem se limita a formulação expressa de problemas didáticos. Ainda segundo o autor, Homero mostra a cultura e educação a partir dos seus poemas, suas narrativas eram lidas sempre em grupo e acompanhadas de ritmos, com o intuito de facilitar ainda mais a compreensão da língua clássica facilitando a comunicação entre os indivíduos em suas atividades, principalmente na política. Diante disso, “Entendemos por cultura a totalidade das manifestações e formas de vida que caracterizam um povo” (JAEGER,2013, p.4). Conforme discorre o mesmo autor:

“Os antigos estavam convencidos de que a educação e a cultura não constituem uma arte formal ou uma teoria abstrata, distintas da estrutura histórica objetiva da vida espiritual de uma nação; para eles, tais valores concretizavam-se na literatura que é a expressão real de toda cultura superior” (p. xii).

Ao enfatizar que os antigos acreditavam que a cultura e a educação não eram constituídas de arte formal ou uma teoria abstrata Jaeger nos mostra que a literatura se encaixava tanto na educação quanto na cultura, ou seja, a cultura desses povos era constituída a partir da educação sobretudo, a literatura.

Quando se fala em educação e cultura na Grécia é inegável falar de nobreza e areté em Homero, visto que o termo nobreza e areté há vários significados, como enfatiza a seguir (JAEGER,2013, p.24)

“A areté é o atributo próprio de nobreza. Os gregos sempre consideraram a destreza e a força incomuns como base indiscutível de qualquer posição dominante. Senhorio e areté estavam inseparavelmente unidos. A raiz da palavra é a mesma: ἀριστος, superlativo de distinto e escolhido, que no plural era constantemente empregado para designar a nobreza”.

O autor deixa bem claro que para ser provido de areté não era tão simples, somente a nobreza era capaz de ter consigo essa valiosa virtude caso contrário não seria possível possuí-la. E a sua origem grega da palavra areté já menciona que pertence ou que se refere a palavra nobreza em si. Segundo destaca o mesmo autor:

“O tema essencial da história da formação grega é antes o conceito de *areté*, que remonta aos tempos mais antigos. Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para esse termo; mas a palavra “virtude”, na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral, e como expressão do mais alto ideal cavaleiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez pudesse exprimir o sentido da palavra grega. Basta isto para concluirmos onde devemos procurar a origem dela. É às concepções fundamentais da nobreza cavaleiresca que remonta a sua raiz.” (JAEGER, 2013, p. 23).

Como vimos, o essencial da formação grega vem desde os tempos mais antigos e traz consigo o conceito de areté, que apesar de ser um significado muito amplo, a virtude é o termo mais usado e demonstra a moral entre o mais alto ideal da nobreza da época.

Dessa forma, o conceito de areté também pode ser visto como:

Tanto em Homero como nos séculos posteriores, o conceito de *areté* é frequentemente usado no seu sentido mais amplo, isto é, não só para designar a excelência humana, como também a superioridade de seres não humanos: a força dos deuses ou a coragem e rapidez dos cavalos de raça. Ao contrário, o homem comum não tem *areté*[...] (JAEGER, 2013, p. 24).

O autor nos mostra que areté tem um significado muito amplo, ou seja, tanto os humanos como os deuses podem ser providos de areté, porém a areté pertence somente a esta classe senhorio, pois é um atributo da nobreza e portanto, os de classe baixa não podiam obter esse privilégio. Dessa forma Jaeger sinaliza a nobreza feminina:

“A *areté* própria da mulher é a formosura. Isso é tão evidente como a valorização do homem pelos seus méritos corporais e espirituais. Oculto da beleza feminina corresponde ao tipo de formação cortesã de todas as idades cavaleirescas. A mulher, todavia, não surge apenas como objeto da solitação erótica do homem, como Helena ou Penélope, mas também na sua firme posição social e jurídica de dona de casa.” (JAEGER, 2013, p.45).

A educação na nobreza homérica era baseada nos modelos dos heróis das narrativas de Homero e Hesíodo e assim eles imitavam as virtudes que o tornariam pessoas melhores, e de valores. Nesta época a nobreza acreditava que os seus filhos precisavam seguir os ensinamentos desses poetas e assim se tornarem guerreiros do bem.

Agora veremos como era a educação segundo Jaeger (2013, p.23) onde ele destaca que ao estudarmos a educação na nobreza homérica, precisamos investigar o conceito de *areté*, pois, “não se pode utilizar a história da palavra *Paideia* como fio condutor para estudar a origem da educação grega porque esta palavra só aparece no séc. V a. C.”

Dessa forma conforme aponta o mesmo autor “A educação da nobreza homérica mesmo essa classe tendo muito respeito e uma certa aproximação com os da classe inferior a questão de a educação sempre ser privilégio da nobreza como bem aponta Jaeger:

“E, apesar de na *Odisseia* existir um sentimento de humanidade para com as pessoas comuns e até para com os mendigos, apesar de faltar a orgulhosa e aguda separação entre os nobres e os homens do povo, e existir a patriarcal proximidade de senhores e servos, não se pode imaginar uma educação e formação consciente fora da classe privilegiada. O adestramento como formação da personalidade humana, mediante o conselho constante e a direção espiritual, é uma característica típica da nobreza de todos os tempos e povos”. (JAEGER, 2013, p.43).

O autor acima sinaliza como era a educação na nobreza homérica e seus costumes, e destaca ainda que esses direitos pertenciam somente à classe nobre, pois sempre como desde tempos mais antigos a nobreza foi sempre provida desses privilégios.

Jaeger (2013) nos mostra que o sedentarismo, a tradição e a posse de bens, todas essas atribuições eram o principal pressuposto da classe nobre.

Quanto a cultura e educação na nobreza virgiliana Maria Helena Pereira nos mostra a partir de alguns historiadores como era a educação e cultura em Roma durante a antiguidade clássica, a época em que as pessoas utilizavam muito os poemas de Virgílio como a *Eneida* que se trata de uma epopeia que significou muito e serviu de modelo para os hábitos das pessoas em especial a nobreza, pois se espelhavam nos poemas para aprender e viver tanto quanto os personagens da epopeia, ou seja o poema inspirou toda a classe alta da sociedade romana, e a *virtus* é o que mais impressionava essa elite.

Nas palavras de Pereira se entende que:

“por mais do que uma vez, Cícero define as qualidades próprias do cidadão romano. Assim, em *Dos Limites Extremos*, dá-o como observante da “conveniência, equidade, dignidade, lealdade, rectidão, honestidade, dignidade do poder e do povo romano, capaz de suportar todos os perigos pela República, morrer pela pátria” (PEREIRA, 1990, p.173).

Como vimos, Cícero nas palavras de Pereira mostra que a cultura romana é muito ligada a bons valores, coisas que atualmente raro se ver na nossa sociedade. Não somente dentro desta obra acima citada, mas também na *Eneida* podemos ver esses valores contidos em muitos dos personagens durante a leitura do poema, são valores adotados pela nobreza, em especial, são maneiras de demonstrar como essa cultura e educação pode ser bem mais humana e de um caráter admirado por todos ao seu redor.

“Do sentido restrito de “valentia”, “coragem”, sobretudo na acepção militar, passando pelas qualidades de caráter, a evolução da *virtus* romana é muito semelhante à da areté grega, que, por sua vez, percorre um longo caminho, desde o campo da acção bélica, e da palavra ajustada, dos heróis da *Ilíada*, ao sentido preciso e profundo de “virtude” que assume a partir de Sócrates. A influência da noção grega sobre o desenvolvimento da romana é, sem dúvida, um dos aspectos mais salientes do contributo do helenismo” (PEREIRA, 1990, p. 409).

Neste inserto, observa-se alguns atributos romanos como valentia e coragem principalmente na concepção militar, e a virtude tem sua evolução análoga a areté, sendo que demorou um pouco mais para chegar em um consenso, pois precisou passar pelos heróis de Homero, até a um contexto preciso da *virtus*, tendo sua origem em Sócrates. É notável a influência dos gregos sobre os romanos quando se fala de cultura, fica claro que os romanos beberam nas fontes gregas e isso é bem nítido no fragmento a cima.

[...]fides por “fé” ou *pietas* por “piedade” tanto podem pertencer a área dos conceitos morais como dos políticos. Fides, por exemplo, situa-se nos dois, e estende-se ao campo jurídico, sentido moral, é um termo político. Feitas essas considerações de ordem geral, principiaremos pelos valores que os romanos consideravam mais caracteristicamente seus: *fides* e *pietas*. (PEREIRA, 1990, p. 322).

Pereira (1990) destaca que segundo o testemunho de Políbio ora os romanos se consideravam e eram considerados como um povo que tinha uma fidelidade admirável por conta de seu juramento. Com isso, o historiador liga a virtude com a concepções religiosas que considerava ser sábias.

Para Pereira (1990) a obra *Eneida* era de suma importância para os romanos, pois, os conhecimentos do poema eram apresentados como expressão máxima da cultura romana. No entanto, a cultura romana assim como a cultura grega utilizavam seus poemas

como forma de exemplos para sua nação principalmente à classe da nobreza. A autora também destaca que quando se estuda a obra *Eneida* de Virgílio percebe-se que a *Clementia* que teve seu valor exaltado em um ponto importante do poema, como um atributo próprio do povo romano para com os povos conquistados.

Logo a seguir podemos nos deparar com outros valores que os romanos tinham como qualidades, é o exemplo de Augusto e suas qualidades que foram gravadas no escudo de ouro que o senado deu a um príncipe foram as seguintes: “*Virtus, Clementia, Iustitia* e *Pietas*. Tudo isso significa que *Virtus* era sentida como um valor fundamentalmente romano. Não obstante o paralelismo que acusa com o conceito grego correspondente.” (PEREIRA, 1990, p.399). Maria Helena Pereira em seu livro nos apresenta com um belo fragmento de Lucílio sobre *Virtus* e alguns conceitos a seguir:

“*Virtus*, Albino, é atribuir o verdadeiro preço
às coisas do meio das quais nos encontramos, com que vivemos;
virtus é para um homem saber o valor de cada coisa,
virtus é saber o que para o homem é recto, o que é útil, honesto,
o que é bom, como o que é mau, o que é inútil, feio, desonesto;
virtus é ser capaz de fixar o valor das riquezas,
virtus é dar aquilo que por si só é devido à honra,
ser adversário e inimigo dos homens de costumes maus,
e, ao invés, defensor dos homens e costumes bons,
a estes preza-los, a estes querer-lhes bem, ser seu amigo;
e, além disso, pôr em primeiro lugar o bem da pátria,
em segundo o dos pais, e terceiro e último, o nosso.
(LUCÍLIO apud PEREIRA, 1990, p.400-401).

Este fragmento a cima vem sendo analisado por diversos historiadores que estudam essa área e com isso há uma imensa gama de interpretações. Portanto, foram três as maneiras mais analisadas do fragmento como vemos: “vê aqui a antiga *virtus* aristocrática, a que lhe opõe a etiqueta estoica, e a que a situa na convergência da *virtus* romana com a *areté* grega” (PEREIRA, 1990, p.401).

Pereira (1990) esclarece que após a época de Augusto imperador de Roma, pode-se verificar que a *virtus* tradicional, aquela que consistia em obter glória e fama através de seus feitos se mantém, porém *nobilitas* e *glória* já não pertencem mais a esse contexto.

Pereira (1990) nos mostra que a tarefa de educar os filhos era dever do pai, porém somente a partir dos sete anos de idade. Nesse sentido, a autora dá o exemplo de Catão o Antigo, e afirma ainda que segundo a biografia dele feita por Plutarco, Catão não gostava que os escravos chamassem a atenção de seu filho quando demorava a aprender algo. Dessa forma, “era ele em pessoa que lhe ensinava as letras, as leis, a ginástica, e ainda a lançar o dardo, a combater armado e a cavalgar, e lutar [...]” (PEREIRA, 1990, p.186).

Portanto, temos a educação e a cultura a cima analisada como forma de conhecer e investigar a nobreza homérica e virgiliana para então a partir desse tópico dar início as análises da mulher grega e romana no contexto das obras de Virgílio e Homero.

2. MULHERES DE HOMERO

Ao lermos a *Odisseia* podemos encontrar algumas mulheres com exemplos de virtuosidade como a doce Penélope, a rainha Arete, princesa Nausicaa e a ama Euricleia, essas mulheres pertencem à classe nobre, com exceção a ama de Ulisses.

Em Homero a mulher é representada como exemplo de mulher nobre; e sem sombra de dúvida Penélope é um exemplo maior de esposa - ela consegue gerir a casa diante da ausência do marido, consegue ludibriar os pretendentes e a sociedade e jamais perde as esperanças de descobrir o paradeiro do esposo: Arete é um exemplo de rainha, está ao lado do marido e é capaz de interferir positivamente em suas decisões: Nausicaa é um exemplo de princesa, é capaz de ajudar um peregrino que encontra moribundo na praia; e Euricleia é um exemplo de boa ama – mesmo depois de muitos anos é capaz de reconhecer aquele a quem cuidou e de lembrar minuciosamente um episódio corriqueiro – o da cicatriz de Ulisses.

É importante enfatizar também que as mulheres de Homero tanto assemelham-se quanto diferenciam-se das mulheres de Virgílio, apesar da influência de Homero na obra virgiliana, percebemos que ambos divergem em uma questão; por exemplo na nobreza feminina de Homero o sucesso está no âmbito do lar, já as de Virgílio estão no âmbito da liderança fora de casa.

2.1. PENÉLOPE: A RAINHA FIEL

Penélope, a esposa fiel, mãe de Telêmaco e mulher de Ulisses, rainha de Ítaca, é uma mulher digna de seu marido que apesar de passar mais de vinte anos fora de casa nunca perdeu as esperanças em ter seu esposo de volta ao lar. Dessa forma pode-se comparar, por exemplo, Penélope e a princesa Nausicaa “a primeira é um exemplo entre todas as rainhas helenas e a segunda é um símbolo perfeito de uma princesa Jônica” (GRIZOSTE, 2016, p.69).

Penélope mesmo com o seu amado esposo longe de casa não deixa de ser um bom exemplo de mãe, dona de casa, fiel a seu marido Ulisses, mas que faz de tudo para se livrar de seus pretendentes como bem discorre Jaeger a seguir:

Penélope é ao mesmo tempo dona de casa, a mulher desamparada e ignorante do paradeiro do esposo, em face das dificuldades surgidas com os pretendentes, a senhora fiel e afetuosa para as servas, a mulher inquieta e angustiada pelo cuidado com seu filho único. (JAEGER, 2013, p.82).

Ulisses não tinha com o que se preocupar em relação à esposa. Penélope era provida de muitas virtudes e apesar de muito tempo à espera do esposo jamais perdeu as esperanças de reencontrá-lo, jamais duvidou que ele pudesse regressar.

Disse-lhe então, em resposta a grande alma do Atrida Agamemnon: “És venturoso ó solente Ulisses, de Laertes nascido por teres tido uma esposa dotada de tanta virtude! Que coração bem formado possuía a prudente Penélope, filha de Icário, que nunca esqueceu ao legítimo esposo! A fama dessas virtudes jamais há de ser esquecida, pois em louvor da prudente Penélope os deuses, por certo, hão de inspirar aos mortais inefáveis e eternas cantigas. (*Od.* 24)

Para Efraim (2012) nas palavras de Silveira, Penélope ocupa o lugar que cabe às esposas, no entanto, mostra algo próprio a que diferencia das demais personagens femininas da epopeia, “[...] Assim Penélope que parece submissa ao homem em alguns momentos, é comparada por Ulisses, a um rei que governa com justiça sobre muitos homens”(EFRAIM apud SILVEIRA 2012,p.145.).

Efraim (2012) aponta que a prudente Penélope se assemelha à deusa Atena, uma mulher de atitude, com características consideradas masculinas encoberta pelo véu da doçura e feminilidade.

2.2. ARETE: A RAINHA DAS VIRTUDES

Arete também é uma figura feminina de Homero que merece destaque, na mesma esteira de Penélope – uma na presença do marido a outra na ausência. Ela surge como um ideal de destreza guerreira e se une às qualidades espirituais e sociais, sempre dando sábios conselhos ao herói Ulisses, como observa (Viegas 2017). A esposa do rei feace Alcinoo, é venerada pelo povo como uma deusa e para acabar com as disputas somente sua presença basta. Sua prudência tamanha é que seus conselhos são capazes de intervir nas decisões de seu marido, como observa Jaeger (2013). De acordo com Viegas, Arete é um exemplo de virtude em pessoa pois:

“Chama atenção a elevação da rainha Arete (seu caráter e reputação são imaculados), a qual remete todo o tempo ao significado de seu nome – a)reth/ – e a própria virtude, a qualidade de quem é nobre, justo, digno, forte de caráter, ético e belo. Arete é a virtude em pessoa, portando todas

estas qualidades em forma de mulher, rainha, esposa e mãe” (VIEGAS, 2017, p.5).

Por outro lado, apesar da influência de Homero na obra virgiliana, percebemos que ambos divergem em uma questão; por exemplo na nobreza feminina de Homero o sucesso está no âmbito do lar, já as de Virgílio estão no âmbito da liderança fora de casa como bem discorre Cristina Pinheiro (1991): Dido a rainha de Cartago uma mulher que assume a posição de liderança um exemplo para Eneias.

De acordo com Viegas A rainha Arete do povo feácio é uma mulher muito virtuosa e de uma reputação sem igual e faz jus a seu nome que tem como significado a própria virtude, uma mulher virtuosa que está sempre influenciando o esposo de uma forma muito positiva. Assim, a rainha é um bom exemplo de esposa, mãe e respeitada por todo o povo dos feácios.

Arete, a rainha dos Feaces, é sobrinha e esposa do rei Alcino, cuja corte e modelo de comportamento e elevação presente na trama da Odisseia de Homero. Sua gesta heroica (porque a consideramos uma heroína!) está contida em boa parte do poema homérico (cantos VI–XII) quando das peripécias em meio ao regresso de Ulisses a Ítaca, sua terra natal. Chama atenção a elevação da rainha Arete (seu caráter e reputação são imaculados), a qual remete todo o tempo ao significado de seu nome – areth/ – e a própria virtude, a qualidade de quem é nobre, justo, digno, forte de caráter, ético e belo. Arete é a virtude em pessoa, portando todas estas qualidades em forma de mulher, rainha, esposa e mãe. (VIEGAS, 2017, p.5)

A rainha dos feácios é honrada pelo marido e por todo o povo de sua cidade por ser uma mulher sensata é cheia das virtudes, é admirada por seu povo e eles sempre a homenageam com uma forma de agradecer por ser uma pessoa de bem, sensata e sábia e que sabe fazer julgamentos justos e sempre usando a prudência como uma forma de ser correta e justa.

Arete é vista em paridade ao seu marido, Alcino, o qual também porta a força (a)lkh/, componente de seu próprio nome, uma força de que ambos são investidos. Alcino, ainda, é aquele que honra Arete, como a nenhuma outra mulher.³⁹ O valor de Arete é reconhecido por todo o seu povo, os feaces, e cantado pelo poeta épico, na “função” de narrador: “O povo/ lhe tributa homenagem e a aclama com palavras/ entusiásticas quando aparece na cidade./ Conhecida pelo seu bom senso...”. (VIEGAS, 2017, p.12)

Aqui neste trecho a seguir podemos perceber que a rainha Arete ajuda seu marido positivamente em uma decisão muito importante que é ajudar Ulisses ao seu regresso para Ítaca.

“Arete é uma mulher de atitudes e de palavras diante de seu partner em cena, o rei Alcino. Na cena do jantar com Ulisses, Arete rompe o silêncio para pedir que auxiliem a Ulisses quando de seu regresso. À fala de Arete, um ancião, Equeneu, reage: “Amigos, não foge / do nosso escopo o que declarou a sábia rainha. / Não decidamos, porém, antes de ouvir Alcino, aqui / presente. Falar e agir e sua competência”. Ao que Alcino assevera: “O que ouvimos [de Arete!] será executado[...]” (VIEGAS, 2017, p.12).

Dessa forma, observa-se que Arete é uma rainha muito adorada e respeitada pelo seu povo e até pelo seu marido Alcino, isso mostra que ela tem atitude e coragem e sempre toma as escolhas corretas em suas decisões ao lado de seu esposo.

2.3. NAUSICAA: A PRINCESA DOS FEACES

Nausicaa é uma princesa filha do rei Alcino e da rainha Arete, é uma jovem que gosta de lavar roupas na beira do rio junto às suas servas. Em um belo dia Nausicaa encontra um forasteiro a beira da praia. Então como de costume daquele povo, a jovem princesa lhe hospeda em sua casa dando roupas limpas para vestir e lhe servindo refeição, pois o homem estava muito faminto, trata-se de Ulisses a quem Nausicaa teve uma profunda admiração.

A seguir podemos perceber que Nausicaa é uma jovem hospitaleira e bondosa, pois mesmo sem conhecer àquele moribundo na praia, fez questão de leva-lo para sua casa e oferecer os devidos cuidados que um estrangeiro perdido precisa.

[...] Nausicaa e suas servas de si lançaram véus, entregando ao jogo da bola. Guia Nausicaa, de braços bonitos, as outras na dança. Artemis nessa maneira costuma vagar pelos montes, quer no Taigeto longo, quer mesmo no próprio Erimanto a deleitar-se na caça de cervos ou célere gamos. Ninfas agrestes a seguem, as filhas de Zeus poderoso, a divertirem-se no intimo Leto, também rejubila, e entre as demais sobressai, destacando-se a fronte e a cabeça; fácil será conhecê-la, conquanto as demais sejam belas: do mesmo modo salienta-se a casta donzela entre as servas.” (Od, p. 90)

Nausicaa após lavar toda a roupa no rio junto das servas, pode perceber que ali próximo havia um homem moribundo precisando de ajuda, então a jovem pôde ajudar aquele homem e a conduziu até sua casa e casa de seus pais:

“Quando, porém, já pensava voltar para casa de novo e pôs as mulas no carro e dobrar as esplêndidas roupas e de olhos glaucos, Atena concebe outro plano engenhoso para Ulisses acordar e ver logo a formosa donzela, que deveria leva-lo à cidade dos homens Feácios. (Od. 6).

Enquanto algumas pessoas em sua volta julgavam Ulisses dizendo que ele poderia ser uma pessoa má, Nausicaa logo percebeu que se tratava de um homem de bem e apresentou para seus pais e pediu que o ajudassem com roupas e alimentos, pois se tratava de um estrangeiro e necessitava ser bem cuidado pelo povo e principalmente pelos pais, que também tiveram uma boa impressão do forasteiro e lhe fizeram muitas perguntas como que foi para ele ter chegado até ali.

Diz-lhe Nausicaa, de cândidos braços então, em resposta: “Não me parece que sejas estulto nem mau, estrangeiro. O próprio Olimpo Zeus dá variados presentes aos homens, a todos eles, os bons e os ruins, como o peito lhe pede. Deu-te, também, atua parte; ora cumpre sofrer com paciência. Visto, porém, teres vindo à cidade e país que habitamos, necessitando de roupa, não hás de ficar por mais tempo, nem do restante que os pobres costumam pedir aos estranhos, Hei de mostrar-te a cidade e dizer qual o nome do povo. São os Feácios os que na cidade e na terra demoram. Enquanto a mim sou nascida de Alcino, de peito magnânimo, que entre os Feácios impera e detém o governo e o comando” (Od. 6)

Nestas palavras a cima, Nausicaa cumpre os deveres de uma princesa que sabe que diante de um estrangeiro recém chegado em sua cidade, necessita de sua hospitalidade e de seus pais Alcino e Arete como costumam fazer sempre que algum moribundo chega na região. A personagem Nausicaa encanta-se com a beleza de Ulisses, porém ele segue seu caminho em busca de encontrar-se novamente com sua família que tanto o espera pelo seu regresso.

2.4. EURICLEIA: A AMA DE ULISSES

Euricleia é um ser que representa a obediência, ela é capaz de fazer qualquer coisa para ver seus patrões felizes. De acordo com Auerbach (2001), no processo de reconhecimento, do qual partimos, aparece além de Ulisses e de Penélope, a ama Euricleia uma escrava comprada outrora pelo pai de Ulisses, Laerte, tal como o pastor de porcos Eumeu, está estreitamente unida ao seu destino, ama-os e compartilha os seus interesses e sentimentos. Mas não possui vida nem sentimentos próprios, mas sim de seus senhores, também Eumeu, obstante ainda se lembra de ter nascido livre e pertencer até a uma família nobre (fora roubado quando criança), já não tem nem na prática, nem nos sentimentos, vida própria, estando inteiramente atado a dos seus senhores, essas duas personagens não as únicas que não pertencem à classe senhorial.

Euricleia a ama de Ulisses é também uma boa ama para Telêmaco filho de Penélope e Ulisses, a velha ama sempre dá conselhos ao jovem para não se envolver com

aquelas mulheres que já estavam entregues a todo tipo de perversão, após a partida de Ulisses muitas mulheres se perderam para bebida e para o fumo. Nesse sentido, Euricleia anima Telêmaco a se preparar para tomar conta da casa e até da fazenda enquanto seu pai não chega, mas o jovem admira muito o jeito do mendigo que se encontra ali como um estrangeiro que também lhe dá muitos conselhos – e aqui é Ulisses disfarçado.

Do pai querido, Telêmaco, alegre, ao conselho obedece; a ama Euricléia chamou, dando logo instruções a respeito: “Nos aposentos, mãezinha, as mulheres detêm desde agora, pois meu pai vou as armas na câmara pôr bem depressa. Belas são todas, e se acham largadas e expostas ao fumo, desde quando ele partiu, tendo eu muito pequeno ficado. Ora pretendo guardá-la bem longe da fumaça”. A ama querida, Euricléia lhe disse em resposta, o seguinte: “Se fosse o dia chegado, meu filho, te teres juízo; para cuidares da casa, assim como de toda a fazenda! Mas, qual das servas te deve seguir, porque o facho te leve, se não consentes que saiam? Qualquer poderia alumiar-te”. O ajuizado Telêmaco desse-lhe, então, em resposta: “Este estrangeiro me ajuda; inativo viver não consinto quem do meu pão se alimenta, ainda mesmo que venha de longe”. Isso disse ele: nenhuma palavra ela, então, lhe replica, indo fechar logo a porta da sala de boa feitura. (Od. 19).

Euricleia foi a primeira a descobrir o disfarce de mendigo, que se tratava do próprio Ulisses por conta de sua cicatriz quando ela o ajudou no banho e então ela lembrou de quando era pequeno. No entanto a velha ama Euricleia não faz parte das mulheres nobres, mas tem muitas características da nobreza, e no momento que ela se lembre minuciosamente de uma cicatriz ela é uma mulher que merece destaque.

3. AS MULHERES DE VIRGÍLIO

Na obra *Eneida* podemos perceber que o homem é o principal personagem quando se trata de um herói, porém aqui especificamente tratamos de mulheres muito importantes e talvez as principais personagens da epopeia de Virgílio. Figuras femininas pertencentes a nobreza virgiliana, assim como as mulheres de Homero elas possuem um lado positivo e negativo, enquanto as mulheres homéricas obtêm sucesso no âmbito do lar, as de Virgílio o sucesso está fora de casa e algumas vezes no âmbito da liderança é o caso da personagem principal a rainha Dido que serviu de exemplo para Enéas.

Entre as mulheres analisadas na obra a saber Dido, Camila, Lavínia e Amata mulheres importantíssimas na epopeia, sendo que algumas delas são comparadas as personagens de *Odisseia*, Dido por exemplo assemelha-se com Penélope não por ser recatada, mas por se guardar por muito tempo em respeito ao seu consorte marido Siqueu,

assim como a rainha Penélope que aguardou seu esposo por duas décadas aproximadamente. É interessante frisar que diferente das mulheres de Virgílio as de Homero não entram em campo de batalha. No entanto, vamos conhecer um pouco mais sobre cada uma dessas personagens da nobreza feminina virgilianas.

Por outro lado, apesar da influência de Homero na obra virgiliana é notadamente que ambos divergem em uma questão; por exemplo, na nobreza feminina de Homero o sucesso está no âmbito do lar, já as de Virgílio estão no âmbito da liderança fora de casa como bem discorre Cristina Pinheiro (1991): “a rainha de Cartago uma mulher que assume a posição de liderança um exemplo para Enéas”. Um outro exemplo. No âmbito da liderança também quem se destaca é a princesa dos volcos, pois lidera um exército de Amazona.

3.1 DIDO: A RAINHA DE CARTAGO

Dido rainha e fundadora da cidade de Cartago, esposa de Siqueu que após sua morte se apaixona perdidamente por Eneias, mas que não é consumado o casamento entre ambos, pois Eneias precisa seguir seu destino e casar-se com uma mulher prometida pelos deuses a muito tempo.

Para Sahad (2011), as características de Dido em um primeiro momento é mostrada nas virtudes que cercam o seu reino de glória. A rainha se mantém fiel ao seu marido Siqueu mesmo após sua morte e assim ignoram a corte de vários homens. Aqui há uma semelhança com a rainha Penélope de Odisseia, quando ambas decidem se guardar a seus amores mesmo com a insistência de muitos pretendentes a pedir sua mão, ambas se tornaram firmes. Dido só quebra seu juramento que fez ao seu falecido marido quando conhece Eneias e se apaixona, a partir daí ela vive um dilema entre a virtude e a paixão. Podemos notar como era retratada a nobreza de Dido diante de seu povo. (*Eneida*, I. 506-508):

Senta-se no sólio excelso, rodeada do corpo da guarda,
Os pleitos julga, sentenças prescreve e também compartilha
Da atividade geral; as tarefas indica ou sorteia.

Diante desse inserto, o trono da rainha associa-se ao seu nome comanda a guarda e impõe as atividades do seu reino. Dido é a figura suprema em Cartago. Dido é uma rainha admirada pelo seu povo e até pelo herói Eneias como bem enfatiza Pinheiro a seguir:

“o fato de Dido se encontrar em pleno trabalho de fundação suscita em Enéas a admiração por aquela mulher que parece a materialização do seu próprio destino.

Assim, o símile dá continuidade ao artifício de Vênus: Enéas continua a ser propositadamente atraído para Dido, como uma borboleta para uma vela acesa, despojado de qualquer tipo de desconfiança para com os cartagineses.” (PINHEIRO, 2010, p.25).

Aqui fica claro que Eneias ao mesmo tempo que admira Dido se assemelha a ela em um aspecto, pois os dois são exilados em terras estrangeiras, e o objetivo dos dois é fundar uma cidade, algo que Dido é logo agraciada.

3.2. CAMILA: A RAINHA DAS AMAZONAS

Camila rainha das Amazonas filha de Métabo rei dos volcos, guerreira e amazona experiente prometida à deusa Diana, Camila é virgem e valente guerreira, que se alia a Turno na batalha contra os troianos, é uma mulher muito corajosa e mas também vaidosa.

“[...] Camila é a figura feminina mais bem elaborada da *Eneida*, a guerreira comparada por Virgílio a um gavião, de belo porte e de forte gênio, uma áspera virgo, virgem voluntariosa mas mulher capaz de distrair-se pela elegância armada de um jovem inimigo e, no embevecimento, cair vítima de um dardo certo.” (CARVALHO, 2009,p.137).

A partir dessa narrativa, são fornecidos detalhes a respeito da criação e do núcleo familiar de Camila (*Eneida* XI.573-580):

Mal começou a menina a firmar os pezinhos no solo,
para andar só, as mãozinhas armou com um dardo pontudo
e pelos ombros passou arco e aljava, brinquedo de criança.
Em vez de capa flutuante ou diadema nos belos cabelos,
o espólio fero de um tigre as espáduas e o dorso lhe cobre.
Desde pequena, com a mão delicada, jogava seus dardos, [...]

É bem nítido, a partir dos versos, que a personagem Camila é uma guerreira desde sua infância. Seu pai Métabo ao fugir dos volcos, faz uma promessa a Diana em troca da proteção de sua filha, assim Camila é prometida a deusa.

Diferente de Lavínia, Camila é uma guerreira valente que só deve favor á deusa Diana e não se trata de uma personagem recatada e submissa a homem nenhum como a filha de Latino. Camila mesmo com toda coragem e força de guerreira tem um fim trágico, como podemos observar a seguir:

Então, condenado pelo destino, armado de um dardo, Arunte rodeia a veloz Camila, muito superior a ela em astúcia e procura o meio mais fácil de atingi-la. Seja aonde for que vá, a virgem no meio ou da batalha, Arunte a segue e acompanha-lhe os passos em silêncio: Quando ela se afasta e volta vitoriosa, o jovem afastava dali, brandinho, traiçoeiro, o perigoso dardo. Por acaso Cloreu consagrado a Sibeles e outrora seu sacerdote, distinguia-se, ao longe, pelo fulgor de suas armas frígias, e

incitava um cavalo coberto de espuma, arreado com peles de animais recamadas de ouro com lâminas de bronze imitando penas. (*Eneida*,11).

No canto a cima Camila se deixa levar pela vaidade e distrair-se com a beleza do jovem Cloreu, enquanto Arunto estava como uma cobra só pra esperar o momento certo para atacar, e assim jogou seu dardo em Camila acertando debaixo dos seios e assim causando a morte da rainha dos volcos.

3.3 LAVÍNIA: UMA MULHER VIRTUOSA

Para Sahad 2011, Lavívia filha de Amata e Latino a prometida pelos deuses a se casar com Eneias é a principal figura feminina quando se refere a gêneses dos latinos. Diferente de sua mãe Amata uma mulher desequilibrada cheia de cólera com uma fúria descontrolada.

Em sua primeira aparição tem a virgindade salientada, "Lavínia virgem" (Et juxta genitorem adstat Lavínia virgo 27), e se vê, em volta em chamas e luz em uma ação prodigiosa que desvela seu destino e fama ilustres (SAHAD, 2011,p.459)

Podemos observar, Lavínia era uma moça virgem que ia desposar Eneias conforme a vontade dos deuses, seu destino já estava entrelaçado com o herói. Ainda segundo o mesmo autor além de virgem, as principais características de Lavínia eram o recato, a passividade, resignação, candura, pureza e pelos prantos vertidos. E apesar de ver a contenda de seu pai Latino e Amata em relação a seu antigo pretendente Turno, Lavínia apenas fica com rosto corado e o silencio toma conta de si.

Sahad nos conta nas palavras de Carcopino e Friedlaender que Lavínia se enquadra nesse ideal de mulher tão submissa capaz de assistir toda a trama sobre seu destino em total resignação sem se opor as decisões dos deuses e dos homens e jamais se irrita, não discute, e sempre respeitosa, delicada e cheia de paciência. Nesse sentido é possível que o autor de *Eneida* buscasse desenvolver ou trazer tais virtudes ou trazer esse modelo nas mulheres de sua época, a partir desse ideal vivido pela personagem Lavínia.

Lavínia tinha sido prometida a Turno e chegaram a ficar noivos, mas com a chegada de Eneias na cidade tudo mudou, seu pai Latino tinha simpatia pelo herói e permitiu o casamento dos dois mesmo sem a permissão de sua esposa Amata, mesmo a princesa sendo disputada por Eneias e Turno, só se casou no final da epopeia virgiliana

com o fim do duelo dos dois pretendentes, sendo o herói Eneias o grande vitorioso. Como podemos perceber no inserto a seguir:

“Turno humilde e suplicante, erguendo os olhos, e as mãos como em uma prece, diz: “Em verdade, mereci, não imploro; aproveita tua sorte. Se porém, pode comover-te o sofrimento de um pai desventurado, peço-te (a ti que tiveste também um pai como Anquises) tenha compaixão da velhice de Dauno e restitua-me aos meus, ou, se preferires restitua meu corpo já privado da vida. Venceste e os ausônios viram um vencido estender-te os braços; Lavínia é tua esposa; que o ódio não se estenda mais longe.” [...] (*Eneida*, 12.).

Nos momentos que antecedem a sua morte Turno suplica a Eneias que se desvairada seu pai, pois já está velho, e pede também que aproveite sua sorte, e não se deixe mais levar pela ira, pois Lavínia já pode casar em paz com Eneias e com isso a paz reinar na vizinhança.

3.4 AMATA: A DESVAIRADA

Diante de todas as figuras femininas homéricas e virgilianas podemos perceber que ambos os poetas convergem e divergem ao mesmo tempo, mesmo Homero sendo o principal arquétipo para Virgílio ainda há diferenças em suas narrativas, é o caso dessas mulheres aqui analisadas principalmente entre a mulher da nobreza.

Amata é esposa de Latino e mãe da princesa Lavínia, e rainha do Lácio. Tem sua filha prometida a Turno. Mas pela ironia do destino, Eneias um estrangeiro prometido pelos deuses, chega ao Lácio e o rei Latino dá a mão de sua filha ao herói, com isso Amata fica muito colérica e prefere que a filha case com Turno a Eneias. A rainha Amata ao contrário de Arete de *Odisseia* não consegue interferir nas decisões políticas do marido, Amata entretanto prefere morrer a ver sua filha Lavínia casar-se a contragosto com um estrangeiro.

Segundo Sahad 2011, Amata é caracterizada por ser uma mulher cheia de ódio, mulher amarga, voluntariosa, desequilibrada, infreável, intratável e com impetuosidade irrefreável. A mãe de Lavínia apesar de pertencer à nobreza feminina de Virgílio não tem as mesmas virtudes das outras personagens analisadas aqui - mas não nos esqueçamos que ela não é uma romana, mas uma indígena. Amata mesmo sendo vinculada à gênese do povo latino é comparada às mulheres “bárbaras” e incultas como também é o caso das personagens virgilianas Juturna e Dido, na medida em que não mais aceita ser “enganada” por Eneias a cólera enche seu coração, por conta de uma paixão cega.

“Abandonaram as casas, entregaram ao vento a nuca e os cabelos; outras enchem os ares de urros que estremecem tudo e, recobertas de pele, agitam pâmpanos. A

própria Amata, no meio delas, empunha, ferosa, um galho de pinheiro e anuncia o casamento da filha com Turno, e, de olhar feroz, exclama, com voz soturna, de súbito: “Eia, matronas latinas, escutai onde quer que eu vos encontrardes, se resta em vossos piedosos corações algum afeto pela desventurada Amata, se o direito das mães ainda vos preocupa, soltai as fitas que vos prendem os cabelos e entregai-vos à orgia comigo”. Assim no meio das florestas, nas selvas habitadas pelas feras, Alecto por toda a parte incita a rainha com os aguilhões de Baco.” (*Eneida* 7).

No trecho a cima Amata está desesperada com o casamento da filha com Eneias que se aproxima, e recorre às orgias do deus Baco deus do vinho e da fertilidade, com intuito de desfazer o casamento com um estrangeiro, pois a vontade de Amata é Turno desposar sua filha Lavínia. Mas essa grande fúria da rainha é causada por Alecto.

Ao ser visitada e atingida por uma fúria enviada pela deusa Juno sai desvairada pela cidade de Latino convocando as mães para terem piedade dela, que teria que casar sua filha contra a sua vontade que tendia para Turno, com um estrangeiro, a se sublevarem. Ao perceber seu intento derrotado, seu ódio cego a Enéas leva-a ao desespero e finalmente ao suicídio, assemelhando neste ponto a Dido. (SAHAD 2011, p.462).

Assim, enquanto Amata não desiste em acabar com esse futuro casamento de sua filha a ponto de convocar mulheres a lhe ajudar nessa causa, ela deveria como mãe e rainha da cidade, devia apoiar o casamento de sua filha com Eneias já que seria uma forma de firmar uma relação com outro povo e assim o povo latino seria muito mais respeitado e admirado por outros povos e com isso evitaria a morte de muito soldados e inocentes no confronto entre Turno e Eneias. A rainha Amata foi muito imatura e deixou se levar pela fúria e o ódio e, além do mais não tinha como ela evitar que o casamento se consumasse, pois isso era algo que já havia a permissão do rei Latino e sobretudo estava de acordo com a vontade dos deuses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições da Homero e Virgílio para a literatura clássica é de suma importância na nossa atualidade e, é por isso que investigamos a cultura e educação em Homero e Virgílio que são a base desse estudo. Assim pudemos socializar como Homero serviu de principal arquétipo para Virgílio, frisando as diferenças e semelhanças que ambos trazem em suas obras aqui trabalhadas, *Eneida* e *Odisseia*, a partir de algumas e principais personagens femininas de suas obras. Nesse sentido trabalhou-se também as virtudes da nobreza feminina tanto homérica como Virgiliana.

A saber: Em Homero apresentou-se os escritos do livro *A Paidéia* de Werner Jaeger que traz todo o arcabouço de virtudes e cultura e educação na nobreza feminina, Já em Virgílio temos Maria Helena Pereira como o pilar principal na investigação no que

toca as virtudes em Roma e a cultura e educação da época, principalmente enfatizando a figura feminina da nobreza no período de Virgílio.

Esses importantes poetas da literatura clássica serviram para influenciar muito literários a se inspirar em suas obras e, assim como Virgílio seguiu os passos de Homero muitos seguiram os passos de Virgílio. Aliás aqui no Brasil, o que percebemos é que muitos autores já se basearam na epopeia virgiliana que mesmo sendo inspirada em *Ilíada* e *Odisseia* tem suas inovações, e muitos críticos dizem que *Eneida* é até mais e melhor elaborada que *Odisseia*. Contudo, reforça-se a necessidade de compreender a obra no seu próprio contexto, não buscando aplicar valores da antiguidade a um momento atual. É essencial, no entanto, reconhecer que há diferentes noções no que tange ao ideal da mulher, e isto já se percebe na diferença entre Grécia e Roma. Vale ressaltar que aqui optamos, tão somente, por uma análise que partisse da educação e cultura feminina, em especial as virtudes apesar de se ter optado por uma análise que partisse da educação e cultura feminina em especial, as virtudes – mas há muitas outras possíveis. Outra observação diz respeito ao destino das mulheres de forma geral nas narrativas, umas tiveram bem aventuranças, outras a má sorte, como é o caso de Dido, Amata e mesmo Camila. Enfim, este estudo abre espaço para futuras discussões que tomem como foco a figura da mulher na literatura clássica.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRIANO Maria Helena Felício. *A construção da feminilidade na Eneida de Virgílio*. Orientador. Luís Henrique Milani Queriquelli. 2021. 56 f. TCC-Curso de Letras/Português, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/224468>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo, Perspectiva, 2001.
- CARCOPINO, Jerome; FRIEDLAENDER, Ludwig; Apud SAHAD, Fábio Bacila. *As mulheres de Virgílio: a representação do feminino na Eneida*. Minas Gerais, Cad. Esp. Fem, Uberlândia/MG, v. 24, n. 2, p. 447-466, 2011.
- CARVALHO, A. F. *Representação da mulher na Poesia Latina*. Olho d'água. São José do Rio Preto, v. 1, n. 1, p. 135-145, 2009.
- SILVEIRA Apud EFRAIM, Raquel. Penélope tecelã de enganos. Rev. Kínesis, Vol. IV; n. 08, Dezembro, 2012, p.135-146.
- EFRAIM, Raquel. Penélope tecelã de enganos. Rev. Kínesis, Vol. IV; n. 08, Dezembro, 2012, p.135-146.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa?** São Paulo, ed. Atlas, 2002.
- GRIZOSTE, Fernandes Weberson. *Os Timbiras: os paradoxos antiépicos da Ilíada Brasileira Uma Eneida Brasileira?* Coimbra: Universidade de Coimbra Teses, 2014.
- HOMERO, *Odisséia (em versos)*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- JAEGER, Werner, *Paideia: A formação do homem grego*. trad. Artur M. Pereira, São Paulo, Martins Fontes, 2013.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História Da Cultura Clássica*. Ed. Fundação Aloust Gulbenkian, Lisboa, 1990.
- PEREIRA, Virgínia. *Semente de Frustração na Eneida*. In MEDEIROS. Walter de, ANDR, Carlos Ascenso, PEREIRA, Virgínia Soares, *A Eneida em contraluz*, Coimbra Instituto de Estudos Clássicos, 1992, 77-130.
- PINHEIRO, Cristina Santos, *O Percurso de Dido Rainha de Cartago na Literatura Latina*. Coimbra, Clássica Digitalia 2010.

SAHAD, Fábio Bacila. *As mulheres de Virgílio: a representação do feminino na Eneida*. Minas Gerais, Cad. Esp. Fem, Uberlândia/MG, v. 24, n. 2, p. 447-466, 2011.

VIEGAS, Alessandra Serra. *Arete: a virtude em si na Odisséia é uma mulher*. Calíope Presença Clássica. Rio de Janeiro. Ano XXIV. Numero 34. p.4-18, 2017.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. David Jardim Junior. São Paulo: Ediouro, 1991.

_____. *Eneida*. Trad. Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 1999.